

AINDA A DENUNCIA DO CARDEAL

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Os senhores deputados, senadores, jornalistas, vereadores, tribunos e demais homens de destaque, conseguiram afinal, muito respeitosa e lealmente, levar o nosso cardeal D. Jaime a acrescentar algumas precisões à denúncia que tanta celeuma causou. D. Jaime explicou, bondosamente, que o caso do deputado desonesto era apenas um episódio, uma ilustração, "e não a mais importante da referida palestra, cuja finalidade era advertir os que atribuem ao fator econômico e financeiro maior influência na situação atual de nossa pátria, do que, na realidade, ele tem, visto que não é por carência de possibilidades que nos achamos entre os povos subdesenvolvidos, mas por falta de espírito público de vários administradores e de colaboração de grupos de responsabilidade". Em outras palestras D. Jaime acentuou o que disse nessa última mais pormenorizadamente, isto é, disse e tornou a dizer que a grave crise que o Brasil atravessa é de caráter, é de honestidade, é de seriedade da administração pública. Muito bem. Até aí não havia novidade, a não ser na autoridade moral do denunciante. Até aí já tínhamos chegado todos nós. Os editoriais do "Estado de São Paulo" e do "Diário de Notícias" não dizem outra coisa; os discursos dos deputados da oposição não são cozidos com linha diferente; e até os minúsculos cronistas que fazem oposição por conta própria já tinham glosado mais de uma vez o mesmo mote. Grave bem o leitor este dado, uma das coisas mais sabidas no Brasil é a existência de uma "grave crise moral". Já ouvimos isto em sermão de padre, em conferência de associação de pais de família, em pronunciamentos de juizes sobre crimes que emocionaram a opinião pública, em conversas familiares, em palestras nas confederações, nos conselhos técnicos, etc., etc. Os termos "grave", "gravíssimo", "de estarrecer", "corrupção" e outros de sonoridade semelhante são os que mais aparecem nos discursos escritos e falados. Trata-se de uma noção divulgadíssima que só terá de vez em quando algum frescor de novidade em função da pessoa que a enuncia. No caso do cardeal, por exemplo, é inegável que houve um certo teor de novidade porque não é comum o caso em que a autoridade eclesástica se acha no dever de denunciar a desordem promovida pela falta de espírito público

jos governantes. A novidade está nessa direção, mas essa mesma se dissolveu na banalidade das convênções, e fica tudo como era antes no quartel de Abrantes. Mas nós nos desviamos do essencial que é o fato de todo mundo aceitar, admitir ou afirmar que a grande crise do Brasil é moral. Nunca ouvi falar que algum protesto fosse feito pelo deputado Rainieri Mazzilli ou pelo senador Vitorino Freire contra quem tivesse tido a ousadia de dizer que havia uma grave, gravíssima crise moral no Brasil. Nunca ouvi falar de reuniões de congressistas, em sessões especiais, de alguma medida secreta ou pública que visasse mostrar à opinião pública que a grave maré de lama não chegara a macular a Câmara ou o Senado. Todo o mundo no Brasil já se habituou à existência dessa crise moral, como se habituou às secas do Nordeste e ao calor de janeiro.

Ora, de repente, põe-se todo o mundo a clamar, a demonstrar espanto, quando o senhor cardeal, para exemplificar, menciona o caso de um deputado que pretendeu levar vantagem em um negócio. Pelo clamor levantado, pelo tom de dignidade maguada de alguns deputados da própria oposição (que vive dizendo a tal coisa sobre a crise moral), pelo conagraamento das diversas facções em defesa da honra da Casa, dir-se-ia que o sr. Cardeal tinha anunciado um fenômeno que ninguém jamais imaginara que pudesse existir. Dir-se-ia que o sr. Cardeal Dom Jaime Câmara, com toda a autoridade de sua posição, anunciara o aparecimento de algum ser exótico, descido de disco voador e vindo de Marte, que anda em oposição (astronômica). Ora, meus amigos, o sr. Cardeal mencionou apenas a existência de uma coisa banalíssima, e cuja banalidade constitui justamente aquela crise moral tantas vezes referida: um ladrão numa das câmaras da República. Foi isto que o Cardeal mencionou, apenas isto. Um ladrão. Um deputado levador de vantagens. Onde está aí a matéria para espanto? O fenômeno apontado pelo Cardeal, para exemplificar uma tese que ninguém quer levar a sério parece-me tão banal, tão cotidiano, tão regular nas nossas irregularidades, tão cacetete e chato à força de ser comum, como os amores do coronel Townsend, tão pouco inesperado, tão pouco surpreendente, que não consigo entender o alvoroço produzido.

Creio que o próprio Cardeal ficou espantado com a celeuma levantada.

Vale a pena, leitor amigo, dar asas à imaginação e tornar a ver, com retoques de fantasia, o que aconteceu em nossas câmaras nesses dias. Imagine os deputados inquietos, os sussurros, o cochicho, os fisionomias pálidas de insônia, os olhares carregados, e imagine depois os conciliábulos apavorados nos corredores e nos vãos de janela do Palácio Tiradentes:

— Sabes? Dom Jaime diz que há aqui um deputado desonesto...

— Santo Deus! Será verdade? — perguntará o outro torcendo os braços de desespero.

— A honra da Casa está em jogo, meus senhores! Clamam em côro deputados da situação.

— A honra da Casa está em jogo — ecoou a oposição.

— Quem será esse Judas?

— Quem será o vil traidor que vem macular a tradição de honestidade e patriotismo deste Parlamento?

— Ah! Precisamos conhecer o ignóbil Escariote. D. Jaime terá de dizer o nome, que ele deve ter recebido numa revelação, porque aqui nenhum de nós jamais viu coisa alguma que de longe, remotamente, pudesse parecer negociata. D. Jaime tem de dizer o nome, porque nós nem de longe pudemos suspensar de ninguém.

Neste momento — no quadro que imagino — entra pela esquerda, em helicóptero, um emissário de Brasília. Vem procurar D. Jaime porque o Presidente da República, quando ouviu contar que havia um deputado ladrão, ou chantagista, teve uma crise de nervos e não consegue dormir. As pioneiras sociais trancaram-se a sete chaves, com medo do ladrão. O país inteiro está em suspense...

Mas de todas as proclamações, a mais bonita foi a do senador Vitorino Freire, que eu não preciso enfeitar com côres da fantasia. A realidade às vezes supera o sonho. O fato é que o conhecido senador pelo Maranhão, da tribuna do Senado pronunciou estas graves palavras que exprimem seu pesar e seu espanto: "O nome do parlamentar tem de ser revelado para que, seja senador ou deputado, a Casa do Congresso a que pertença tome as providências necessárias. O que não é possível é ficarmos, todos nós, sob essa insegurança, sob essa suspeita, que desmoraliza o Congresso e a Nação.

Você não está arreplado de emoção, leitor? Que abalo deve ter sido para o senador Vitorino Freire a notícia da existência de um ladrão numa das casas do Parlamento! Vê-se pelo discurso pronunciado ontem que ele ignorava não só o caso particular como também o caso geral. Vê-se que foi bruscamente chamado à realidade conflagrada, mas também se vê que ainda não acordou completamente, porque, pelo discurso, se depreende que ainda imagine ser um só o ladrão. Será preciso organizar uma pequena comissão de pessoas caridosas e habilidosas para irem prevenir cautelosamente os senhores senadores? Será bom talvez levar médico e eletrocardiógrafo. ...